



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

As pesquisas do Grupo NEPLA: contribuições teórico- metodológicas da Análise de Discurso Crítica para o estudo de práticas discursivas

Rosivaldo Gomes

Joyce Vitória Martins Cruz

Universidade Federal do Amapá

Resumo

Este artigo, de natureza teórica, descritiva e analítica apresenta, inicialmente, o quadro teórico e epistemológico que fundamenta os estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada, situado na Universidade Federal do Amapá. A seguir, descreve e contextualiza a opção metodológica adotada pelo grupo para realizar os estudos sobre práticas discursivas no campo dos estudos linguísticos. Finalmente, apresenta e discute um breve panorama dos estudos desenvolvidos pelos membros do grupo e traz uma análise de dois projetos de pesquisa que trataram sobre práticas discursivas na rede social Facebook e mostra as contribuições dos nossos estudos que estão alinhados com a visão da linguagem/discurso como uma prática social, conforme propõe a Análise de Discurso Crítica.

Palavras-chave: Práticas discursivas. Análise de discurso crítica. Redes sociais.

Submetido em: 13/12/2021

Aceito em: 23/12/2021

Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Rosivaldo Gomes



Graduado em Letras Português e Literatura pela Universidade Federal do Amapá, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas (PPGDAP/UNIFAP) e doutor em Linguística Aplicada - Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP) na área de Linguagens e Educação, com estudo sobre materiais didáticos, multiletramentos e leitura. Realizou estágio de Pós-doutorado pelo Departamento de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal do Amapá na área de Educação e formação de professores e um estágio pós-doutoral em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Ceará com apoio de bolsa pelo Programa Nacional de Estágio Pós-doutoral (PNPD/CAPES/2020). É professor Adjunto III na área de Língua Portuguesa e Didática das Línguas do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, docente do Curso de Letras Português-Francês e Letras Português modalidade EaD. É docente permanente dos Programas de Pós-graduação em Letras - Mestrado (PPGLET/UNIFAP), Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Paraná (PPG-Letras) e Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado – em Estudos da Linguagem (PPGEL-UFMS). Realiza pesquisas sobre os seguintes temas: educação linguística crítico-decoloniais, práticas de letramentos, Português como LE/L2, Língua Adicional e Língua Materna, formação de professores, agir professoral, letramento acadêmico, práticas de leitura e escrita em contexto escolares e não escolares, análise e elaboração de materiais didáticos, práticas discursivas em redes sociais, práticas translíngues, identidade, cultura e linguagens na amazônia, letramento racial crítico e currículo; currículo, gênero, raça e sexualidades e discurso. É líder do Grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (NEPLA/CNPq-UNIFAP) e membro dos grupos de pesquisa GEPLA/UFV e MELP/UNICAMP. É membro da Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB), da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Grupo de Trabalho Ensino-aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada (EAPLA/ANPOLL).



<http://lattes.cnpq.br/9713360492282811>



<https://orcid.org/0000-0001-8770-6177>



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Joyce Vitória Martins Cruz



Graduanda do 9º semestre do curso de Licenciatura Plena em Letras Português-Francês na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente, participou do Programa Voluntário de Iniciação Científica - PROVIC, no projeto de pesquisa "Discurso, Poder e Identidades nas Redes Sociais e em novos espaços de sociabilidades". Atuou como residente pedagógica no Programa de Residência Pedagógica instituído pela Universidade Federal do Amapá e coordenado pela CAPES. Participa do grupo de pesquisa Núcleo Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada (NEPLA/CNPq - UNIFAP), finalizou a segunda iniciação científica no projeto de pesquisa "Discurso, Poder e Identidades nas Redes Sociais e em novos espaços de sociabilidades" com o estudo "Vozes que ecoam nas redes sociais: o ciberfeminismo, o ativismo digital e discurso de divulgação do feminismo".



<http://lattes.cnpq.br/9336717324220773>



<https://orcid.org/0000-0002-7801-0554>



AS PESQUISAS DO GRUPO NEPLA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO- METODOLÓGICAS DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA PARA O ESTUDO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS¹

Rosivaldo Gomes (Universidade Federal do Amapá)²

Joyce Vitória Martins Cruz (Universidade Federal do Amapá)³

Introdução

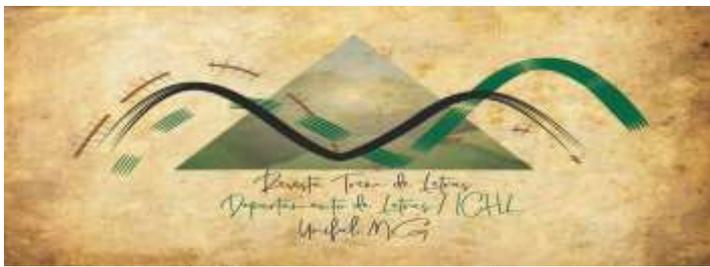
Em nosso Grupo de Pesquisa Núcleo do Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada (NEPLA), situado na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)⁴, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET/UNIFAP) e ao Curso de Letras Português-Francês do Departamento de Letras e Artes três eixos têm conduzido nossos interesses de pesquisas: i) educação Linguística crítico-decolonial, linguagens e ensino; ii) formação de professores de línguas, agir docente/agir professoral e materiais didáticos e iii) práticas discursivas, redes sociais, linguagens e interculturalidade. Neste

¹ Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio com bolsas de iniciação científica e à Universidade Federal do Amapá – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação pelo auxílio financeiro por meio do EDITAL Nº 010 /2019 – PROPESPG/UNIFAP PROGRAMA DE AUXÍLIO AO PESQUISADOR – PAPESQ/UNIFAP.

² E-mail: rosivaldounifap12@gmail.com

³ E-mail: joyce18martins@gmail.com

⁴ O grupo é coordenado pelo primeiro autor deste artigo e composto por pesquisadores/as docentes da Universidade Federal do Amapá, discentes de iniciação científica, discentes do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLet) e por professores/as das redes de ensino da cidade de Macapá.



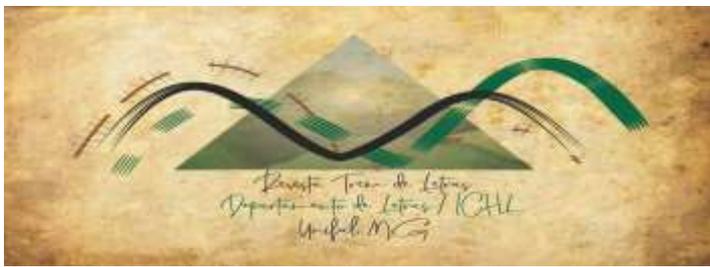
artigo, centrando-nos no terceiro eixo, o nosso objetivo inicial é apresentar o quadro teórico-epistemológico que fundamenta os estudos realizados em nosso grupo de pesquisa no tocante a temas que tratam sobre práticas discursivas.

Assim, tomamos os estudos críticos do discurso, especialmente a Análise de Discurso Crítica (ADC) de vertente britânica (Fairclough, 1989, 1995, 1997, 2003, 2018[2001]) como ponto teórico-epistemológico. Especificar a ADC que consideramos em nossos estudos se faz necessário uma vez que essa área de investigação não se configura como abordagem única/homogênea, pois conforme argumentam Ramalho e Resende (2011, p. 1),

a ADC, como campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas, é heterogênea, instável e aberta. É heterogênea porque há uma gama variada de abordagens que se identificam com o rótulo 'ADC' [...]. Todas essas abordagens são legitimamente associadas à Análise de Discurso Crítica, e cada uma delas provê acercamento teórico e instrumental específico para pesquisas discursivas.

Como desdobramento desse primeiro objetivo outros dois são delineados para a compreensão das reflexões que pretendemos com este texto: i) descrever a contextualização metodológica adotada pelo grupo com a realização de pesquisas fundamentadas nos estudos teóricos-epistemológicos da ADC e ii) apresentar alguns resultados e contribuições de nossas pesquisas para difusão e divulgação dessa área de estudos críticos do discurso no contexto da Amazônia, a partir das pesquisas desenvolvidas pelo grupo NEPLA.

Para justificar o delineamento desses objetivos partimos do pressuposto de que “estudar a linguagem é uma questão social (Santos; Resende, 2015, p. 74) e, portanto, a Linguística e, em nosso caso, a Linguística Aplicada Crítica, também se posiciona como área que se interessa por questões sociais. Nesse sentido, de acordo com as palavras de Rajagopalan (2003, p. 39), consideramos que a “saúde de uma disciplina [ou de uma



abordagem teórica]” e, as pesquisas nela ou a partir dela propostas, devem ser responsivas às demandas sociais de sua época.

Para atender aos objetivos propostos o texto está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Assim, em i) tratamos da definição teórica-metodológica que fundamenta os estudos do grupo e apresentamos algumas das categorias de análise depreendidas dessa teoria; em seguida em ii) descrevemos nossos interesses de pesquisa, o percurso histórico e metodológico do referido grupo de pesquisa e, por fim, em iii) apresentamos e discutimos duas pesquisas realizadas e nosso grupo as quais tratam sobre práticas discursivas na rede social facebook.

1 Análise de Discurso Crítica: convergências teórico-epistemológicas para o estudo discurso

A concepção teórica que convocamos, em diálogo com outras abordagens para o desenvolvimento das pesquisas que têm sido realizadas em nosso grupo de pesquisa, parte dos estudos críticos do discurso, especialmente a ADC⁵. Nesse sentido, a ADC configura-se como uma abordagem teórico-metodológica dos estudos da linguagem/do discurso e de vertente crítica que tem suas origens no final da década de 80 do século passado. Apesar de não ser nosso objetivo neste texto descrever em detalhes todo o contexto de surgimento da ADC, recuperamos alguns pontos importantes no tocante ao desenvolvimento dessa disciplina/área.

Assim, pode-se dizer que o surgimento da ADC está ligado ao que, na década de 70, passou a ser denominado de Linguística Crítica (LC). O marco inicial da LC é

⁵ Conforme se verificará, na seção dedicada ao percurso metodológico que adotamos para as pesquisas desenvolvidas no grupo, também são convocados os estudos sobre gênero, raça, sexualidades, identidades sociais, feminismo, interculturalidade e redes sociais.



considerado, por alguns pesquisadores, a publicação das obras *Language and Control*, de Fowler et al. e *Language as Ideology*, de Kress e Hodge, ambas publicadas em 1979. Essa abordagem teórica, diferentemente da perspectiva formalista da língua, centrava-se em uma “forma de análise do discurso e do texto que reconhecia o papel da linguagem na estruturação de relações de poder na sociedade” (Wodak, 2004, p. 288).

Conforme argumenta Rodrigues-Júnior (2009), ADC é hoje um ramo reconhecido da Linguística Aplicada no exterior e intersecciona-se com as Ciências Sociais e as Humanidades. Porém, a consolidação dessa disciplina (Resende e Ramalho, 2006; Magalhães, 2005, entre outros) emergiu no início dos anos de 90, mais precisamente em 1991 a partir de um simpósio realizado na *University of Amsterdã*, no qual estavam presentes Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak, que reunidos debateram teorias e métodos de análise do discurso, especificamente de ADC (WODAK, 2004).

A ADC constitui-se, assim, como uma perspectiva teórica e metodológica de estudo que estabeleceu profícuas relações com as ciências sociais e os estudos da linguagem, especialmente da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) e desse modo tornou-se uma perspectiva inter/transdisciplinar para o estudo do discurso. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 16) chegam a caracterizar a ADC como uma "síntese mutante de outras teorias", pois este enfoque da linguagem e, conseqüentemente do discurso, que alia conceitos e métodos procedentes da Linguística e das Ciências Sociais, pode ser considerado inovador.

Nesse sentido, a ADC pode ser compreendida como um instrumento transdisciplinar de investigação que possibilita a análise do uso da linguagem enquanto discurso em práticas sociais. Essa disciplina considera o discurso como uma ferramenta de mudança social a partir da qual os indivíduos constroem, desconstróem, significam e



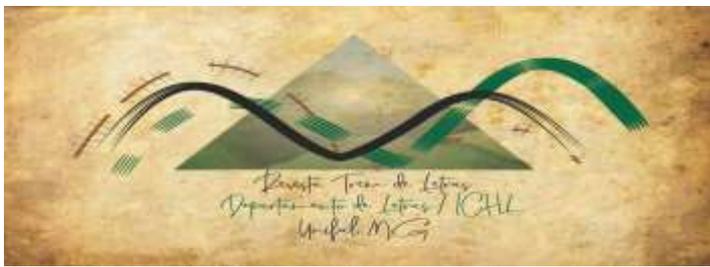
transformam o mundo ao seu redor. O discurso é, portanto, a forma como os sujeitos agem sobre o mundo e especialmente sobre outras pessoas (Fairclough, 2018[2001]).

Conforme postulam Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC deve ser considerada uma contribuição para a investigação crítica do pós-modernismo. Desse modo, ela é uma perspectiva desenvolvida para a análise de diversos usos da linguagem/discurso nos processos de mudança social, pois os discursos constroem e constituem variadas relações sociais, identitárias, de poder, posicionando os sujeitos sociais em diferentes formas nas estruturas sociais.

Pensar a ADC nessa perspectiva é, portanto, considerá-la como um dispositivo outro, ou seja, como *um* aparato teórico-analítico que em muito pode contribuir com investigações de problemas que se apresentam em diversas práticas e eventos sociais, nos quais a linguagem/discurso se faz presente. Tais problemas são de diversas ordens e se sustentam/corporificam em práticas sociais que tentam, por exemplo, legitimar discursos xenofóbicos, machistas, essencialistas sobre modos de ser, estar e viver o mundo; que ditam quais performances de sexualidades, gênero, raça, identidades são legítimas e quais não são.

Assim, é no sentido de desconstruir tais práticas discursivas e de reexistimos a certas práticas sociais, que se configuram como áreas para a existência desses discursos, que convocamos a ADC nas pesquisas desenvolvidas em nosso grupo, pois compreendermos que

A análise discursiva crítica sustenta-se como aparato para a explanação de problemas sociais particulares quando defende que a linguagem mantém um tipo especial de relação com outros elementos sociais (...), já que os textos que formulamos – parte fundamental dos modos como agirmos na sociedade – não apenas são efeitos das situações sociais imediatas em que ocorrem, mas também têm efeitos sobre elas. Mas que isso, relacionam-se também a conjunturas sociais



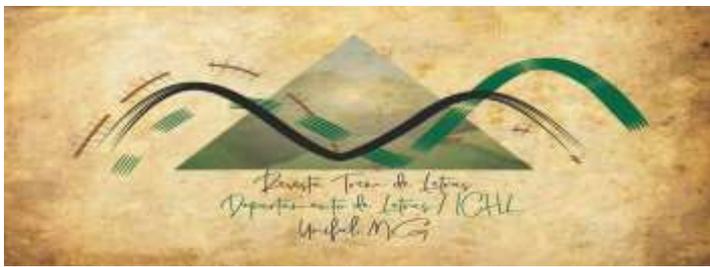
mais amplas, porque a vida social é um sistema aberto em que redes de práticas particulares configuram conjunturas, e as práticas em articulação se influenciam mutuamente. (Resende, 2017, p. 12).

Nesse sentido, conforme argumenta Fairclough (1989, p. 1), a ADC “pretende aumentar a consciência de como a linguagem/discurso contribui para dominação de umas pessoas pelas outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação”. A ADC, em função de seu caráter inter/transdisciplinar e emancipatório, portanto, “não somente aplica outras teorias, como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva” (Resende; Ramalho, 2006, p.14).

Além disso, essa abordagem teórico-analítica da linguagem/discurso também busca a mudança social de modo que aqueles que se encontram em posições de desigualdade na sociedade possam tomar consciência de aspectos contraditórios e hegemônicos dos discursos que empurram os sujeitos sociais para a subalternidade. Ou seja, a “ADC tem, em seus estudos, o objetivo de explicitar o encoberto no discurso que, por alguma razão, não é imediatamente percebido (Resende, 2017, p. 77).

É próprio, portanto, desse campo de estudo o viés contestador, anti-hegemônico, transgressivo, refutador de formas únicas de observar o mundo e também de propor a luta contra poderes de grupos dominantes que foram/são construídos e preservados pelo e no discurso em certas práticas sociais particulares. Dessa maneira,

Como ciência crítica, a ADC ocupa-se de efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre relações sociais, ações e interações, pessoas e mundo material. Suas preocupações direcionam-se a sentidos que possam atuar a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, seja contribuindo para modificar ou sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimentos, crenças, atitudes, valores, ou mesmo “para iniciar guerras, alterar relações industriais”. Esse foco de atenção insere a ADC no paradigma interpretativo crítico, pelo qual intenta-se



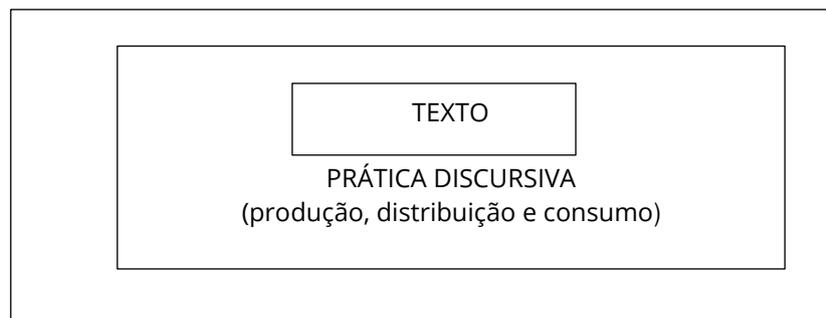
oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração e manutenção de problemas sociais (Ramalho, 2010, p. 49).

Feita a contextualização dos objetivos e do projeto teórico-epistemológico da ADC, na próxima seção, apresentamos alguns conceitos-chaves presentes nessa abordagem de análise do discurso.

1.1 A configuração tridimensional do discurso para a ADC

Na obra *Language and Power*, de 1989, Fairclough apresenta uma proposta analítica triádica de discurso e configurada como: *texto, interação e contexto*. Essa proposta ficou conhecida como modelo tridimensional de discurso. Nessa obra, o autor sinaliza que o texto é produto do processo de produção social e o discurso se configura como prática social. Esse modelo tridimensional proposto pelo linguista é reformulado e reapresentado na obra *Discourse and Social Change* (1992), na qual Fairclough também traz a sua Teoria Social do Discurso, inter-relacionando três dimensões constitutivas do discurso: *o texto, a prática discursiva e a prática social*, as quais atuam de forma integrada em um evento discursivo, conforme figura 1:

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992)





Fonte: Fairclough (2018 [2001], p.105).

Essa concepção tridimensional de discurso e de análise, apresentada pelo autor, reúne três bases analíticas fundamentais para a ADC, as quais perpassam pela análise textual/linguística, pela tradição macrosociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a análise interpretativa ou macrosociológica das práticas sociais produzidas pelas comunidades. Fairclough (2018[2001]) apresenta essas dimensões do modelo tridimensional e as pormenoriza em categorias.

Assim, no tocante à dimensão da análise textual/linguística, esta é segmentada em quatro categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Resende e Ramalho (2005, p. 187) destrincham essas categorias e explicam que

O estudo do vocabulário trata das palavras individuais – neologismos, lexicalizações, relexicalizações de domínios da experiência, superexpressão, relações entre palavras e sentidos – e a gramática, das palavras combinadas em frases. A coesão trata das ligações entre as frases, através de mecanismos de referência, palavras de mesmo campo semântico, sinônimos próximos e conjunções. A estrutura textual refere-se às propriedades organizacionais do texto em larga escala, às maneiras e à ordem em que elementos são combinados.

Ainda na dimensão textual/linguística, em relação à microanálise de elementos da constituição textual do discurso, Fairclough (2018[2001]) sustentando-se na abordagem funcionalista de Halliday (1978) e nas macrofunções propostas por este autor, as quais atuam simultaneamente em textos: ideacional, interpessoal e textual, propõe sua própria classificação a partir de três funções da linguagem – identitária, relacional e ideacional. A *função identitária* diz respeito ao modo como as identidades sociais são



apresentadas/representadas no discurso; a *função relacional* diz respeito à maneira como as relações sociais entre os participantes do discurso são apresentadas e negociadas; a *função ideacional* diz respeito aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Fairclough (2018[2001]) mantém em sua classificação a função textual proposta por Halliday (1978), que diz respeito ao modo como as informações são trazidas ao primeiro plano ou relegadas a um segundo plano na configuração textual. Além disso, essa função também diz respeito sobre como partes do texto se ligam a partes precedentes e seguintes e com a situação fora do texto. Essas subcategorias propostas por Fairclough (2018[2001]) são retomadas em uma nova configuração do modelo tridimensional, conforme será discutido mais adiante.

Quanto à dimensão da prática discursiva, de acordo Fairclough (2018[2001], p. 111), estão envolvidos processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo textual, sendo que “a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discursos e de acordo com fatores sociais”. Nesse sentido, esses processos sociais determinam ligações e referências aos segmentos econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso, configurado como evento discursivo, é produzido.

Além dessas categorias, são analisadas também a força que se refere aos tipos de atos de fala desempenhados nos textos; a coerência que diz respeito às conexões e às inferências necessárias e seu apoio em pressupostos ideológicos. Por fim, há ainda como categoria a intertextualidade que se refere às relações dialógicas entre o texto e outros textos e às relações entre ordens de discurso - interdiscursividade - (Fairclough, 2018[2001]; Ramalho; Resende, 2004; Bessa; Sato, 2018).

Por fim, no âmbito da análise da prática social, são observados aspectos ideológicos e hegemônicos que figuram no discurso. Com relação ao ideológico, são



analisados os sentidos das palavras, metáforas, pressuposições e estilo. Por outro lado, na categoria hegemonia, analisam-se as direções da prática social (econômicas, políticas, ideológicas e culturais). A partir dessa dimensão, procura-se, portanto, investigar como o texto se insere em focos de luta hegemônica e de poder, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos (Ramalho; Resende, 2004). Essas categoriais propostas por Fairclough (2018[2001]) para cada dimensão de análise discursiva foram agrupadas no quadro apresentado por Resende e Ramalho (2006):

Quadro 1: Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional de Fairclough

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual	Produção Distribuição Consumo Contexto Força Coerência Intertextualidade (interdiscursividade)	Ideologia sentidos pressuposições metáforas Hegemonia orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

Fonte: Resende e Ramalho (2006, p.29).

Assim, no modelo tridimensional de análise proposto por Fairclough (2018[2001]), a relação entre os estudos linguísticos e as ciências sociais críticas se apresenta de forma complementar a partir das categorias propostas pelo autor. Entretanto, Ramalho e Resende (2005) argumentam que, apesar de o conceito de prática social estar presente nessa proposta analítica, vê-se uma centralidade no discurso.

Dessa forma, no sentido de ampliação do escopo tanto teórico quanto epistemológico-analítico da ADC, em que o discurso é deslocado e deixar de ser visto como prática social para ser compreendido como um momento da prática social, que Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentam outra reconfiguração do modelo, denominando-o de enquadre, agora bem mais amplo do que os modelos anteriores. É desse enquadre que tratamos na próxima seção.



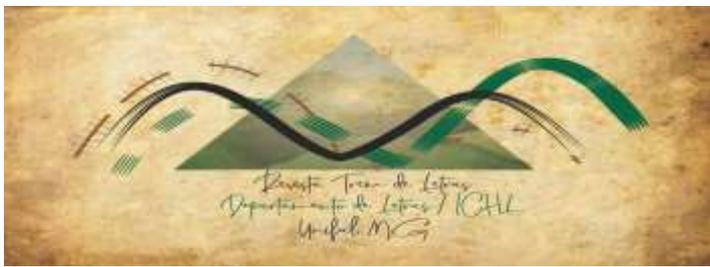
2 O discurso como parte da prática social: a proposta do enquadre epistemológico da ADC para estudo do discurso

O enquadre da ADC que desloca a linguagem/discurso como prática social para a visão de linguagem/discurso como parte das práticas sociais foi proposto por Chouliaraki e Fairclough na obra *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*, de 1999. Nesse enquadre, apesar de a autora e de o autor ainda considerarem as três dimensões constituintes do discurso – texto, prática discursiva e prática social - a prática social ganha mais destaque e o discurso passa a ser visto como um momento das práticas sociais (Resende; Ramalho, 2006). Nessa reconfiguração do modelo tridimensional, evidencia-se maior relação da ADC com os estudos das Ciências Sociais Críticas.

O objetivo do novo enquadre para análise do discurso, este visto como um momento das práticas sociais, é “refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social” (Resende; Ramalho, 2006, p. 35-36) na modernidade tardia/reflexiva. De acordo com Resende (2017), Chouliaraki e Fairclough (1999), ao proporem essa ampliação e realocação do discurso como parte das práticas sociais, respaldam-se em Harvey (1992) que defende a noção de que a vida social é composta por práticas e as práticas sociais são compostas de momentos de relativa estabilidade.

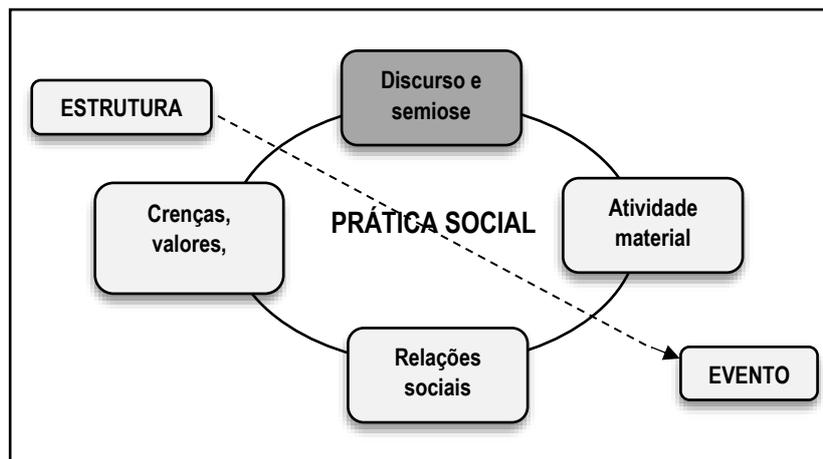
Desse modo, o autor e a autora, a partir dessa abordagem de vida social, realizam

uma recontextualização teórica relativa ao papel da linguagem na configuração das práticas sociais, sugerindo as práticas sociais como compostas de quatro momentos em articulação – discurso, fenômeno mental (incluindo crenças, valores, desejos e ideologias), atividade material, relações sociais (Resende, 2017, p. 13).



O discurso, nesse novo enquadre de análise da ADC, assim como outros elementos, configura-se como um dos momentos da prática social e está ligado diretamente a estruturas sociais, relações de poder, ideologia, dominação, atividades materiais, relações sociais, crenças, valores, desejos, discursos, conforme ilustrado por Resende (2017) na figura 2:

Figura 2: Os momentos da prática social segundo Chouliaraki e Fairclough (1999)



Fonte: Resende (2017, p. 14).

Trata-se, portanto, de se compreender a complexa rede que envolve relações e questões sociais mais amplas e presentes em práticas sociais e nas quais a linguagem/discurso se faz presente a partir de textos e de práticas discursivas. A partir desse novo enquadre, fundamentado no conceito de crítica explanatória do teórico crítico



Bhaskar (1986), Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem uma estrutura analítica para a ADC, organizada em cinco etapas: 1. Definição de um problema; 2. Identificação de obstáculos para a superação do problema; 3. Verificação do problema na prática; 4. Identificação de possíveis caminhos para superar os obstáculos; 5. Reflexão sobre a análise.

Esse novo enquadre epistemológico da ADC, conforme Resende e Ramalho (2006), configura-se de forma mais complexa que o modelo tridimensional, uma vez que apresenta maior abertura nas análises de problemáticas que envolvem relações exploratórias e apresenta maior articulação entre discurso e outros elementos sociais constituintes das práticas sociais. Todavia, Resende (2017) salienta que embora o enquadre proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) tenha ampla utilização nas pesquisas críticas em ADC, nem sempre ele é bem compreendido. Trata-se, portanto, de um enquadre epistemológico para todo o empreendimento da investigação, desde o estágio inicial da definição do problema de pesquisa, até as análises de dados e a crítica explanatória que se quer lograr por meio da análise discursiva associada a outros tipos de análise, sem se configurar como algo estanque, mas sim que possibilita a mistura entre as etapas/fases que o compõe.

Para fechar esta primeira parte teórica do presente artigo, na próxima seção, apresentamos mais uma reconfiguração do modelo tridimensional de análise do discurso proposto por Fairclough a qual tem clareado as pesquisas desenvolvidas em nosso grupo.

3 Os significados do discurso na ADC: o modelo bidimensional de análise



Em *Analysing Discourse: textual analysis for social research* (2003), Fairclough amplia o diálogo da ADC com a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e apresenta outra reconfiguração do modelo tridimensional e propõe, conforme argumenta Ormundo (2007), um modelo bidimensional que considera a análise textual interna e externa do discurso. Nessa obra, Fairclough apresenta uma articulação entre a sua classificação de funções da linguagem - função ideacional, função identitária, função relacional e função textual – feita em 1992 a partir das macrofunções de Halliday (1978) – com os conceitos de gênero, discurso e estilo de Bakhtin (2003), sugerindo não mais funções, mas sim três tipos de significados que agem de forma simultânea no discurso: o significado acional; o significado representacional e o significado identificacional.

Para o linguista, esses três tipos de significados correspondem às principais formas do discurso como parte das práticas sociais na relação entre textos e eventos em que “o discurso figura como parte da prática social e como forma de agir, forma de representar, forma de ser” no mundo (Fairclough, 2003, p. 27). A proposição desses significados enfatiza suas atuações de forma simultânea dentro de um dado enunciado em uma prática social, sendo que, segundo Fairclough, o discurso aparece de três formas principais: como modos de agir (gêneros), como modos de representar (discursos) e como modos de ser (estilos). Cada um desses modos faz referência a um tipo de significado.

Assim, o significado acional – ligado ao conceito de gênero – focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais. Conforme Resende e Ramalho (2011), nessa configuração de significado acional, os gêneros funcionam como formas de (inter)agir discursivamente que implicam relações com os outros, mas também sobre os outros a partir de relações do poder. Nessa configuração de significado, o discurso aparece como ação e relação, daí a ideia de significado acional/relacional. O significado representacional



– ligado ao conceito de discurso – enfatiza a representação de aspectos do mundo (físico, mental e social) em textos, assim como a representação de atores sociais. Nesse sentido, Resende e Ramalho (2011, p.177) pontuam que nessa configuração do significado como representação do mundo “discursos particulares constituem, então, modos particulares de representar a realidade”.

Por fim, o significado identificacional – ligado ao estilo – refere-se à construção e à negociação de identidades (sociais e diversas) no discurso, pois “estilos constituem aspectos discursivos de identidades (...), relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (Resende; Ramalho, 2006, p. 76), ou seja, é pelo discurso que as identidades sociais (de raça/etnia, gênero, sexualidade, classe social) são construídas, (re)construídas, negociadas e performatizadas.

Feita a apresentação da base teórico-epistemológica da ADC, nas próximas seções, apresentamos o percurso metodológico e analítico do grupo de pesquisa NEPLA a partir de uma breve descrição do histórico, dos objetivos e interesses de estudos e pesquisas realizadas sobre práticas discursivas.

4 Percurso metodológico e analítico das pesquisas do Grupo NEPLA

O grupo de pesquisa NEPLA foi fundado em 2011 a partir de uma iniciativa do primeiro autor deste artigo. O objetivo inicial do grupo era ser um espaço de debates sobre temas abordados nas disciplinas voltadas ao ensino e à aprendizagem de Língua Portuguesa, as quais eram ministradas na graduação em Letras da UNIFAP. A partir de 2013, o grupo é institucionalizado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ e no Departamento de Pesquisa da UNIFAP e, a partir desse ano, passou a ser caracterizado



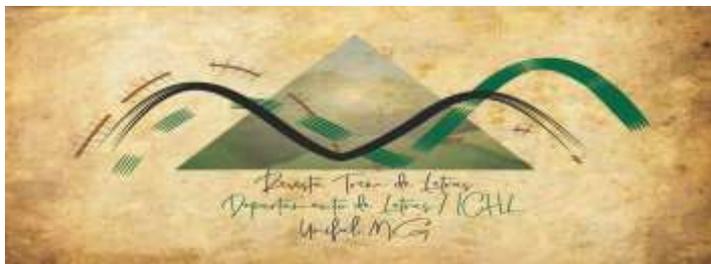
como um grupo de pesquisa (e extensão) interdisciplinar, situado na subárea de Linguística Aplicada. Conforme informações do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o objetivo principal do grupo atualmente é

agrupar pesquisas/estudos de graduação, iniciação científica, mestrado doutorado e pós-doutorado na área de Linguística Aplicada, bem como produzir conhecimentos na transversalidade entre o campo dos estudos linguísticos, discursivos-críticos-enunciativos e culturais-identitários, focalizando questões relativas a práticas sociais, de linguagem, práticas docentes, formação de professores, produção de materiais didáticos, práticas curriculares escolares, decolonialidade e ensino, (multi)letramentos, identidades, gênero, raça e sexualidade em práticas sociodiscursivas diversas. (Brasil/DGp, s/data).

Tendo em vista o caráter inter/transdisciplinar, o grupo reúne, atualmente, oito linhas de pesquisa e três eixos de investigação a partir dos quais são delineados os seguintes temas e interesse de estudo:

Quadro 2- Organização dos eixos e temas/interesses de pesquisa do Grupo NEPLA

Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3
i) Educação Linguística crític-o-decolonial, linguagens e ensino de línguas.	ii) Formação de professores de línguas, agir docente e materiais didáticos.	iii) Práticas discursivas, linguagens, sociedade e trans/interculturalidade.
Temas/interesses de pesquisa		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ensino e aprendizagem de línguas(gem); ✓ Ensino de Português como língua materna, estrangeira/adicional e sua transposição didática e didatização; ✓ Letramentos escolares, acadêmicos, digitais, críticos, literário e ensino ✓ Práticas translinguageiras e ensino; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Agir professoral, trabalho docente e formação de professores; ✓ (Multi)letramentos, tecnologias digitais e materiais didáticos; ✓ Decolonialidade, formação de professores e práticas de ensino de línguas; ✓ Documentos oficiais, prescrições e materiais didáticos; ✓ Currículo, formação de professores, interculturalidade e 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Práticas discursivas, questões de representações de identidades sociais de gênero, raça/etnia, sexualidades, classe social, feminismos em redes sociais; ✓ Políticas de identidade e políticas linguísticas; ✓ Letramentos de reexistência, sobrevivência e crítico, mídias e redes sociais;



✓ Práticas de linguagem e de ensino em contextos multilíngues.	questões de colonialidade/decolonialidade. ✓ Currículo, identidade e diferença na perspectiva dos Estudos decoloniais e críticos.	✓ Representações e representatividade identitária e discursiva; ✓ Discurso LGTQI+, identidades, linguagens/discurso, poder e subjetivações/subalternidades.
--	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

O interesse em desenvolver e agrupar pesquisas, a partir da perspectiva inter/transdisciplinar em nosso grupo, alinha-se aos pressupostos metateóricos e metametodológicos da Linguística Aplicada (CAVALCANTI, 2006). Assim, ao propormos pesquisas nesse campo, que envolvam questões de linguagem, estamos compreendendo que a linguagem é uma prática social e que, ao estudarmos a linguagem nessa perspectiva, estamos estudando também a sociedade, a cultura e a(s) identidade(s) e os discursos presentes nas práticas sociais.

Desse modo, em nosso grupo compreendemos que fazer pesquisa também é um ato político e nesse sentido “politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são partes intrínsecas dos modos de teorizar e fazer Linguística Aplicada” (Moita Lopes, 2006, p.22). Nessa linha de pensamento, nossas pesquisas em Linguística Aplicada (Crítica) – não somente aquelas voltadas para práticas discursivas – estão sustentadas pela lógica de que nesse campo

A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigir respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico. Assim (...) não se trata de simplesmente de compreender e descrever novas formas de comunicação e os novos discursos e gêneros emergentes em contextos virtuais, mas de fazê-lo refletir sobre as novas possibilidades de melhoria da qualidade de vida das pessoas. (Rojo, 2006, p. 258-259).



Quanto aos procedimentos metodológicos, adotamos a abordagem qualitativa-interpretativista e os tipos de pesquisa mais recorrentes são: etnografia virtual ou netnografia (HINE, 2000; KOZINETS, 2014), para os estudos que tratam sobre práticas discursivas em redes sociais; a pesquisa de base etnográfica, pesquisa-ação e estudo de caso (André, 1995; Thiollent, 2009) para análise de dados gerados em contexto escolar e a pesquisa/análise documental (Gil, 2002; Lankshear; Knobel, 2008) para análise de materiais didáticos, documentos curriculares. Cabe ressaltar que estabelecemos um diálogo tanto teórico quanto metodológico desses tipos de pesquisa com a ADC, pois, nas análises de dados, geradas na construção das pesquisas realizadas pelo grupo, são consideradas algumas categorias teórico-analíticas oriundas da ADC.

Desse modo, no quadro 3, apresentamos sete pesquisas realizadas a partir da abordagem teórico-epistemológica da ADC em diálogo com a pesquisa do tipo netnografia, de base etnográfica em contexto escolar e análise documental de livros didáticos, as quais foram pelo grupo no período de 2017a 2020:

Quadro 3: Pesquisas sobre práticas discursivas desenvolvidas no Grupo NEPLA

Autores/a	Título da pesquisa	Tipo de estudo	Relações/abordagens teóricas
Gomes e Siqueira (2017) ⁶	Práticas discursivas e performances de masculinidades hegemônicas em novos espaços de letramentos digitais	Pesquisa netnográfica em rede social – Facebook	ADC Estudos sobre redes sociais Estudos de gênero, sexualidade e performances identitárias Posicionamentos discursivos performativos
Puresa (2017) ⁷	Discursos sobre materiais didáticos digitais para o	Pesquisa de	ADC Estudos sobre materiais didáticos

6 Pesquisa desenvolvida em colaboração no Programa de Iniciação da UNIFAP no ciclo de 2017-2018.

7 Pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica voluntária (PROVIC) da UNIFAP no ciclo de 2017-2018.



	ensino de língua portuguesa: um estudo à luz da Análise Crítica do Discurso	Estudo/análise documental	
Puresa (2018)	Questões identitário-culturais e interculturalidade em livros didáticos de língua portuguesa: um estudo à luz da Análise Crítica do Discurso	Pesquisa de Estudo/análise documental	ADC Estudos sobre materiais didáticos Multiculturalismo/interculturalidade Estudos de Identidade e cultura Estudos sobre decolonialidade
Puresa (2019) ⁸	Significados representacionais e identificacionais: discursos de professores sobre multiculturalidade nas aulas de Língua Portuguesa	Pesquisa de base etnográfica (contexto escolar)	ADC e Tipos de significados do discurso Multiculturalismo/interculturalidade Estudos decoloniais Estudos de identidade e cultura
Cruz (2018) ⁹	Vozes que ecoam nas redes sociais: o ciberfeminismo, o ativismo digital e discurso de divulgação do feminismo	Pesquisa netnografia em rede social – Facebook	ADC Estudos sobre feminismos Estudos sobre redes sociais
Cruz (2020)	O ciberfeminismo e ativismo feminista na página do Facebook Feminismo Marxista	Pesquisa de Iniciação Científica Netnografia em rede social – facebook	ADC e modelo tridimensional do discurso Estudos sobre feminismos Redes Sociais
Silva (2019) ¹⁰	A representação da identidade cultural afro-brasileira em Pontos cantados de pretos velhos na umbanda: estudo etnográfico-discursivo no terreiro Casa de Luz Estrela do Oriente	Pesquisa Etnografia-discursiva	ADC e tipos de significados discursivos Estudos de Identidade cultural Estudos sobre Umbanda e Pretos Velhos Estudos de Multiculturalismo/interculturalidade

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme pode ser observado no Quadro 3, em nosso grupo de pesquisa, sete estudos foram desenvolvidos a respeito de práticas discursivas os quais, de forma

8 Pesquisa desenvolvida como resultado final do Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas (CELAEL/UNIFAP).

9 Pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica voluntária (PROVIC) da UNIFAP no ciclo de 2018-2019 e no ciclo 2019-2020. Recebeu Prêmio destaque de melhor trabalho de Iniciação Científica com primeiro lugar na área Educação, Linguística, Letras e Artes no VIII Congresso de Iniciação Científica em 2019 e primeiro lugar no IX Congresso de Iniciação Científica em 2020.

10 Pesquisa desenvolvida como trabalho final no Curso de Letras da UNIFAP.



interdisciplinar, estabelecem diálogos entre a ADC e outras abordagens teóricas. Em função do espaço neste texto, apresentaremos, na próxima seção, algumas análises, discussões e resultados de apenas duas pesquisas entre as apresentadas, a saber: Gomes e Siqueira (2017) e Cruz (2020).

5 Performances discursivas de masculinidades hegemônicas na página “ORGULHO DE SER HETERO”

Na pesquisa realizada por Gomes e Siqueira (2017), os autores investigaram performances discursivas de masculinidades hegemônicas (heteronormativas) sobre gênero e sexualidades em uma página da rede social *facebook*. Para realização do estudo, os autores consideraram a proposta do enquadre de Chouliaraki e Fairclough (1999). Todavia, Gomes e Siqueira (2017) destacam que não utilizaram todas as etapas/fases propostas nesse enquadre da ADC, mas apenas a primeira etapa/fase que diz respeito à formulação de um problema social (e científico) de pesquisa e a segunda etapa/fase referente à identificação de obstáculos para que o problema seja superado a partir da: a) análise da conjuntura, b) análise da prática particular e c) análise de discurso, as quais foram consideradas de forma integrada na análise feita pelos autores.

O problema que guiou a pesquisa dos autores constituiu-se a partir de uma complexa rede de significações discursivas em uma prática social particular, neste caso, ações de postagens em uma página da rede social *facebook*, em que discursos particulares, em articulação como outros elementos (semióticos e sociais), constituíam práticas discursivas (essencialistas) de masculinidades hegemônicas de gênero e sexualidades, as quais legitimavam aspectos de dominação masculina sobre corpos femininos a partir de significados discursivos.

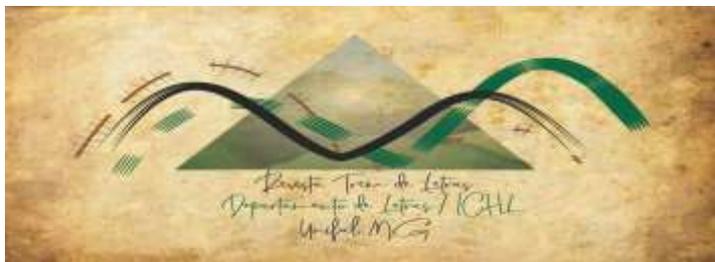


Para a realização da pesquisa, os autores selecionaram a página da rede social *Facebook* “Orgulho de ser Hetero”. Essa página, à época da realização do estudo, estava vinculada ao blog *Orgulho Hetero*, criado em março de 2013 e, segundo sua descrição, apresentava “conteúdos direcionados a homens de verdade”. Para a constituição do *corpus* de análise Gomes e Siqueira (2017) geraram dados com o apoio da pesquisa netnografia (Kozinets, 2014), a partir da coleta/captura de várias postagens, comentários, reportagens, vídeos, etc. no período de janeiro a dezembro de 2017.

Devido à quantidade de dados que foram gerados nesse recorte temporal, descrevemos apenas uma pequena análise realizada pelos autores e referente a uma postagem que apresentava uma notícia sobre a declaração dada pela atriz, blogueira e modelo Geisy Arruda à *Revista Sexy*, em janeiro de 2016, ao dizer que “tem nojo de pênis pequeno”. Para essa análise, os autores consideraram os tipos de significados do discurso propostos por Fairclough (2003) e os tipos de posicionamentos discursivos performativos, conforme proposta feita por Costa de Paula (2010), baseada em Worthen (1995), Butler (1999/1990), sendo eles: posicionamento performativo transgressivo, contestatório e naturalizado.

Considerando os aspectos éticos da pesquisa, os nomes dos membros da página/comentaristas foram anonimizados pelos autores do estudo e foram utilizados, na transcrição dos comentários, os códigos ENUNCIADOR MASCULINO (E/M) e ENUNCIADOR FEMININO (E/F). Assim, a seguir, apresentamos a postagem que deu origem à situação enunciativa e às práticas discursivas analisadas pelos autores da pesquisa.

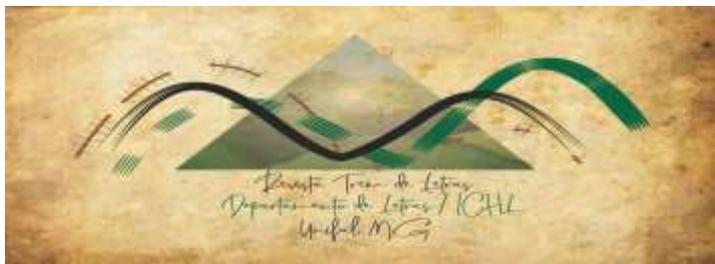
Figura 3 – Post sobre “polêmica” declaração de Geisy Arruda.



Fonte. Página do facebook Orgulho de ser Hetero

Como pode ser observado no post (figura 3) há uma notícia referente à declaração dada pela atriz. A chamada da notícia traz um recorte do discurso da modelo ao dizer que “tem nojo de pênis pequeno”. O texto foi postado no dia 15 de maio de 2017 na página e apresentou, à época, 595 comentários. Esse post efetiva-se, conforme argumentam Gomes e Siqueira (2017), como um enunciado concreto (Bakhtin, 2003; Brait; Melo, 2008) que faz parte de uma prática social particular, neste caso, postagem em rede social.

Na construção da análise do *corpus* os autores destacam que ao observamos a publicação a partir do significado acional/relacional, proposto pela ADC, vemos que discursivamente uma ação é estabelecida sobre o mundo e sobre os membros da página “Orgulho de ser Hetero”, uma vez que, para instigar os/as participantes a comentarem a postagem, o/a gerenciador/a da página, além de apresentar um texto do gênero discursivo notícia, indexaliza a ele a pergunta “O que dizer?”. Isso estabelece, segundo Gomes e



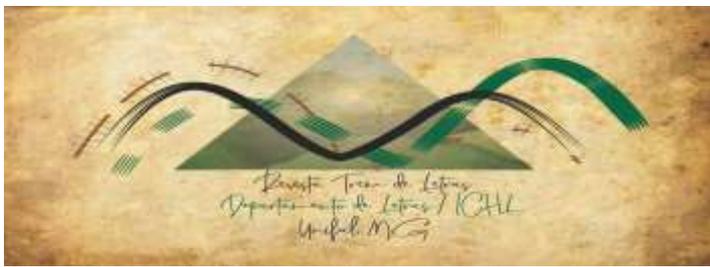
Siqueira (2017), uma ordem do discurso (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003) que envolve a combinação de gêneros – post e notícia, comentários –, estilos e discursos que constituem a prática social e as práticas discursivas em análise.

Para os autores da pesquisa o que se tem não é apenas uma notícia, encapsulada por um post, mas sim um modo de agir sobre as pessoas presentes na página, o que institui, a partir do discurso aí estabelecido, uma forma de poder também sobre os atores sociais envolvidos nessa prática social. Para a compreensão da análise dos comentários, Gomes e Siqueira (2017) propuseram uma organização sequencial a partir de um enquadre de interação denominado por eles de Enquadre Interacional Enunciatário. Vejamos a transcrição de um enquadre com nove comentários referentes à postagem que são analisados pelos autores:

Enquadre interacional-enunciatário 1

1. E/M-M 1: Claro, pra atravessar aquelas banhas o cara realmente precisa ter o pau grande! Kkk
2. E/M-M 2: Uma gorda feia dessa ainda quer escolher, oque ir pra ela é lucro kkkk
3. E/M-M 3: Pra conseguir coloca lá 1 vez vc tem q ir fznd um mapa pra não errar a segunda
4. E/M-F 4: Onde está a moral dos homens que nesses comentários se igualam a ela? Ela foi ridícula, tanto quanto vocês estão sendo agora. Estão dando "ouvidos" demais a uma qualquer ou ela realmente mexeu com o ego de vocês pelo comentário? Homem quando é homem de verdade, sabe o que faz com o que tem, assim como a mulher, argumenta sem descer o nível! Parabéns a vocês que são tão ridículos quanto ela!!!
5. **E/M-M 5: Ela está na dela, questão de opinião, eu por exemplo não gosto de vadias, logo ela não teria chance comigo...**
6. **E/M-M 6: Mas eu comeria msm assim**
7. **E/M-M 7: Opaaaaaa, mas uma coisa não tem a ver com a outra... kkkkkkkkkkkkkkk eu comeria msm assim**
8. **E/M-F 8: Kkkkkkk se eu fosse homem nem com pau grande nem pequeno não comia esse mulher kkkkkkkkk fala sério se fosse bonita ainda. Nem pagando kkkkk**
9. E/M-F 9: Faço de suas palavras as minhas, se eu fosse homem preferia a abstinência sexual do que pegar um lixo desse.

Fonte: Comentários da página Orgulho de ser Hetero.



A partir do enquadre interacional-enunciativo apresentado Gomes e Siqueira (2017), com base nos significados representacional e identificacional do discurso da ADC, salientam que os comentários, bem como a notícia que integra a situação enunciativa da postagem, configuram-se como parte da prática social particular em análise e constituem práticas discursivas que, a partir de recursos linguístico-textuais específicos, usados pelos autores dos comentários, trazem representações particulares da realidade social, neste caso, de atores sociais e identificações (identidades sociais) particulares para esses atores que estão discursivamente representados nessas práticas (social e discursiva).

Assim, partindo da estreita relação dialética entre os significados representacional e identificacional (Fairclough, 2003), Gomes e Siqueira (2017) argumentam que a escolha de certos recursos linguístico-textuais e expressões, feita por membros da página que comentaram no post, trazem representações sociais veiculadas em estruturas e eventos sociais sobre a figura feminina. Desse modo, certas expressões são desencaixadas de certos contextos e recontextualizadas nessa prática social e discursiva particular, como por exemplo, a expressão “Uma gorda feia”, presente na linha 2, que é indexalizada a um ator social específico presente no texto do post, neste caso, a Geisy Arruda, tal representação.

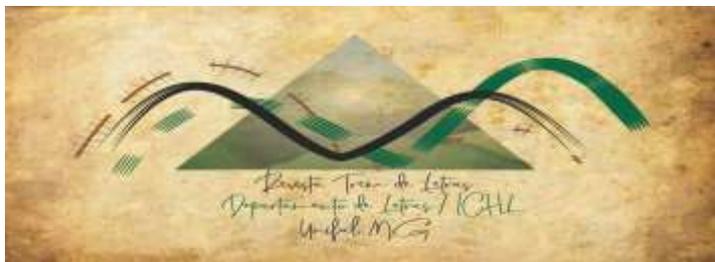
Além disso, os autores argumentam que a esse ator social é estabelecida, discursivamente pelos membros da página/comentaristas, a construção de identidades pejorativas a partir de expressões e pressuposições como, por exemplo, “vadia”, “mulher fácil”, que reforçam práticas discursivas de masculinidade hegemônica como as do tipo “homem de verdade pega qualquer mulher”, como é reforçado pelos comentários destacados em negrito nas linhas 5, 6, 7 e 8.



Ainda na análise realizada, Gomes e Siqueira (2017) pontuam que, ao estabelecer seu discurso, Geisy revela um posicionamento discursivo *transgressivo*, já que encena, discursivamente, performances que vão contra roteiros preestabelecidos segundo os cânones sociais (Costa de Paula, 2010), os quais interpelam e silenciam mulheres de falarem sobre sexo e sobre a genitália masculina. Os autores também argumentam que, a partir desse posicionamento assumido por Geisy em seu discurso, evidencia-se nessa prática social outros posicionamentos discursivos, como o *naturalizado*, que reforça performances de masculinidades hegemônicas como a do tipo “a virilidade masculina está diretamente ligada ao tamanho do órgão genital masculino” como é evidenciado no próprio discurso da modelo e reforçado pelo discurso dos enunciadores 1 e 4:

1. E/M-M 1: Claro, pra atravessar aquelas banhas o cara realmente precisa ter o pau grande! Kkk
4. E/M-F 4: Onde está a moral dos homens que nesses comentários se igualam a ela? Ela foi ridícula, tanto quanto vocês estão sendo agora. Estão dando "ouvidos" demais a uma qualquer ou ela realmente mexeu com o ego de vocês pelo comentário? **Homem quando é homem de verdade, sabe o que faz com o que tem**, assim como a mulher, argumenta sem descer o nível! Parabéns a vocês que são tão ridículos quanto ela!!!
Fonte: Comentários da página Orgulho de ser Hetero.

Os dados analisados pelos autores evidenciam discursos de masculinidade hegemônica que podem ser compreendidos como um conjunto de práticas e normas de gênero que legitimam uma posição de dominação de determinados homens em nossa sociedade sobre corpos, principalmente sobre o corpo feminino. Assim, a partir das ideologias presentes nas práticas sociais e marcadas nas práticas discursivas analisados por Gomes e Siqueira (2017), vemos que discursos hegemônicos sustentam-se a partir de certas representações sociais hegemônicas do que é ser homem e do que é ser mulher, ou seja, tais discursos, como parte de práticas sociais, além de se configurarem



como formas de agir sobre o mundo, configuram-se, também, como modos de agir sobre os outros e como modos de representar a realidade social (Fairclough, 2018[2001]).

Desse modo, a construção de identidades masculinas hegemônicas heteronormativas, a partir de um elemento que vai caracterizando a formação de um indivíduo como “macho viril em função do fato de ter um órgão genital grande”, mostra-se marcada de forma naturalizada e essencialista nos discursos analisados por Gomes e Siqueira (2017). Para os autores, isso evidencia como ainda se faz necessário que discursos como esses sejam questionados, deslegitimados e combatidos em práticas sociais e discursivas presentes, por exemplo, em redes sociais.

6 Práticas discursivas sobre Feminismo Marxista na Página FEMINISMO MARXISTA na rede social Facebook

A segunda pesquisa aqui apresentado é o trabalho de iniciação científica de Cruz (2020). A autora, a partir das contribuições teóricas da ADC e do modelo tridimensional do discurso, proposto por Fairclough (2018[2001]), em diálogo com os estudos sobre feminismo marxista, analisou práticas discursivas e práticas sociais acerca do feminismo digital na página Feminismo Marxista na rede social Facebook. Os objetivos do estudo foram analisar os discursos feministas marxistas difundidos pela página e compreender se há discursos em prol de lutas por mudanças sociais ou discursos que promovem a manutenção de estruturas de poder responsáveis por desigualdades.

Na construção metodológica da pesquisa, Cruz (2020) utilizou a netnografia (Kozinets, 2014) por ser um tipo de pesquisa comumente utilizado em estudos voltados para ambientes virtuais. Em razão disso e pelo fato de ter sido um estudo desenvolvido



no interior de uma rede social, essa metodologia foi útil ao fornecer diversas etapas¹¹ que auxiliaram na organização e no planejamento da análise dos dados da pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa que se centra em discursos feministas marxistas, a autora compreende, de maneira geral, os feminismos¹² como movimentos de cunho histórico, filosófico, político, que articulam militância e pressupostos teóricos em suas estruturas. Dito isso, para realização da análise Cruz (2020) lançou mão da categoria interdiscursividade proposta por Bessa e Sato (2018) na qual os autores afirmam que

[...] diferentes discursos estão relacionados, por exemplo, a diferentes posições de pessoas no mundo e a diferentes formas de relações entre pessoas. Dessa forma, disputas por poder, dominação, competição, cooperação, desejo de mudança são recursos discursivos socialmente diferenciados. [...] uma palavra ou frase podem remeter a determinado discurso, mas não o fazem por si só, é necessário atentar ao texto/contexto para chegar a essa conclusão – as relações semânticas estabelecidas colaboram com essa tarefa. (Bessa; Sato, 2018, p. 153).

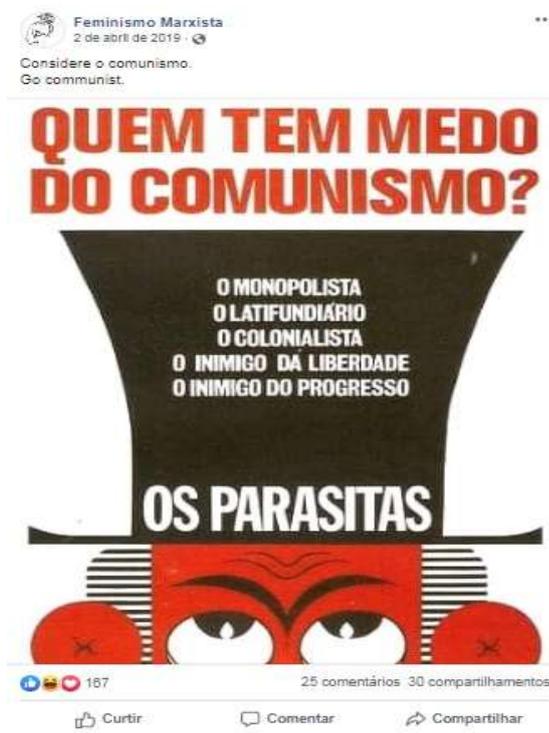
Nessa categoria, é levada em consideração a multiplicidade de discursos que ora se mesclam ou se diferenciam, ao criarem ou transformarem novos discursos (Bessa; Sato, 2018). Desse modo, como recorte de análise, são apresentados discursos presentes na página Feminismo Marxista, coletados por meio de capturas de tela – recurso proveniente da netnografia para coleta de dados - analisados com base na interdiscursividade.

Na figura 4, é possível observar práticas sociais e práticas discursivas da página

Figura 4: “Considere o comunismo. Go communist.”

¹¹ Para conhecer as etapas cf. Kozinets (2014).

¹² Utilizamos o termo no plural porque “não existe um movimento feminista, mas sim os movimentos feministas, pois cada um deles tem suas reivindicações e ideais, resumi-los ao singular seria resumir as especificidades, a vivência, experiência de cada mulher.” (Pereira; Coura; Araújo, 2018, p. 4).



Fonte: Feminismo Marxista, 2019.

No recorte acima (figura 4), foi publicada uma legenda com as frases “Considere o comunismo. Go communist.”, seguida da imagem com o questionamento sobre “quem tem medo do comunismo”, e, logo abaixo, são mencionados “o monopolista, o latifundiário, o colonialista”, grupos da sociedade possivelmente referenciados como os “parasitas” e “inimigos da liberdade e do progresso”. Sobre a legenda e a imagem em si, na interdiscursividade é levado em conta que “qualquer texto é constituído de diferentes discursos. Mesmo aqueles que aparentemente apresentam um único discurso guardam relação implícita com outro, inclusive com discursos antagônicos” (Bessa; Sato, 2018, p. 154). Com base nisso, algumas considerações acerca da publicação podem ser destacadas.

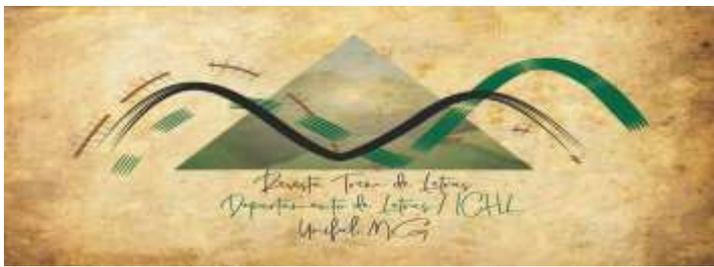


Assim, em seu discurso, a página faz referência ao comunismo, presente em suas próprias práticas sociais econômicas que, por intermédio das práticas discursivas – relacionadas a crenças e a sistemas de conhecimentos –, sugerem, de maneira normativa, uma possível consideração a ele por parte de seus seguidores, ao mesmo tempo que atrela ao monopolista, latifundiário e colonialista o medo pelo comunismo.

A estes mesmos grupos são direcionados adjetivos como “inimigo da liberdade” e “inimigo do progresso”, posto que são detentores do capital, logo, do poder, utilizados como instrumentos de dominação contra os sujeitos não monopolistas, não latifundiários, não colonialistas, isto é, os indivíduos menos privilegiados na sociedade de classes. Portanto, com acessos reduzidos à liberdade e ao progresso. Assim, esse discurso se mescla e remonta a Marx e Engels, quando esses autores afirmam que

a condição essencial para a existência e para a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza em mãos privadas, a formação e a multiplicação do capital; a condição do capital é o trabalho assalariado. [...] O progresso da indústria, de que a burguesia é o representante indolente e apático, substitui o isolamento dos operários, que se dá através da concorrência, pela sua união revolucionária através da associação (Marx; Engels, 1998, p. 15).

Diante disso, o “Considerare o comunismo. Go communist.”, surge como uma possibilidade de solução contra a dominação praticada pelas camadas sociais privilegiadas, os “inimigos da liberdade e do progresso” – aqueles que, conforme a página, temem o comunismo –, caso ocorra a união revolucionária dos sujeitos em concordância com os ideais comunistas de Marx e Engels, suscitados nas práticas sociais da página Feminismo Marxista. Por outro lado, nas práticas discursivas, os textos “[...] são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos” (Fairclough, 2019, p. 112).



Portanto, o engajamento, assim como as reações no conteúdo postado pela página, varia muito. Isso ocorre devido às diversas interpretações dos sujeitos, como visto na figura 5.

Figura 5: Oposições de discursos em relação ao que foi publicado pela página
Feminismo Marxista



Fonte: Feminismo Marxista, 2019.

Em resposta à postagem, os quatro primeiros comentários tidos como os mais relevantes, disponibilizados pelo Facebook¹³, foram selecionados para demonstrar a

¹³ O Facebook disponibiliza três opções para se ter acesso aos comentários de uma publicação, sendo eles: Mais relevantes, Mais recentes e Todos os comentários. Com base na netnografia, bem como nos interesses da pesquisa, a opção mais adequada à pesquisa foi “Mais relevantes”, porque a rede social destaca que essa opção



interação entre os seguidores da página com o conteúdo publicado. Ainda sobre os comentários, os nomes das pessoas deram lugar a nomeações como PESSOA 1, PESSOA 2, assim sucessivamente, respeitando-se os padrões éticos da pesquisa¹⁴. Desse modo, pode-se observar nos comentários da PESSOA 1, PESSOA 2, PESSOA 3 e PESSOA 4 certa contrariedade de discursos sobre a publicação.

Esses sujeitos respondem à pergunta “Quem tem medo do comunismo?” sob um viés de pensamento diferente ao da página Feminismo Marxista. Por exemplo, a imagem compartilhada pela PESSOA 1 faz alusão aos acontecimentos¹⁵ ocorridos no Chile durante a ditadura de Pinochet, especificamente no período de 1974 a 1978, quando os opositores comunistas – entre eles, a militante Marta Ugarte¹⁶, um dos símbolos da luta contra a ditadura – foram capturados pelo regime e lançados ao mar. Isso pode ser caracterizado com uma suposta reação as práticas comunistas. Os comentários da PESSOA 2 e da PESSOA 4 se assemelham pelo uso do termo “fome” e o sentido que ele traz.

Além disso, tais usos podem indicar uma determinada motivação, como a de situar o sistema político comunista como responsável pela miséria de pessoas sujeitadas a essas políticas, sendo um senso comum entre esses indivíduos. Todavia, esse pensamento compartilhado entre a PESSOA 2 e a PESSOA 4 contrasta com a teoria

exibe “os comentários de amigos e os comentários mais envolventes.” O foco da pesquisa, todavia, é nos comentários mais envolventes, ou seja, aqueles comentários com mais engajamento.

14 Mesmo que a pesquisa seja realizada em uma página aberta a todos os sujeitos da rede social, a netnografia respeita os padrões éticos da pesquisa que protegem a identidade dos seguidores. Ver Kozinets (2014).

15 Em consonância com essas afirmações, o ato de recordar tais acontecimentos históricos, são critérios analisados na interdiscursividade pois de acordo com Bessa e Sato (2018, p. 155) “os discursos são operacionalizados em práticas situadas no tempo e no espaço.”

16 Disponível em: <<http://www.laizquierdadiario.cl/Marta-Ugarte-la-profesora-militante-lanzada-al-mar-por-la-Dictadura-137517>>. Acesso em: 20 jul. 2020.



comunista propagada por Marx e Engels (1998, p. 21), que afirmam que “o objetivo mais próximo dos comunistas é o mesmo de todos os demais partidos proletários: formação do proletariado em classe, derrubada da dominação burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.”

Já o comentário da PESSOA 3, simbolizado pelo desenho de um suposto indivíduo em busca de alcançar um cérebro, parte da idealização de que sujeitos simpatizantes do comunismo possuem limitações psíquicas, o que aponta para uma oposição ao comunismo, assim como os comentários anteriores da PESSOA 1, PESSOA 2 e da PESSOA 4. Diante desse recorte de análise, baseado na publicação feita pela página Feminismo Marxismo, bem como nos comentários divulgados pelos seguidores, a pesquisadora conseguiu fazer algumas considerações em relação aos discursos propagados naquele ambiente virtual.

O primeiro diz respeito às práticas sociais, tanto da página quanto de seus seguidores. Em ambos os discursos as perspectivas de comunismo estão presentes dentro de uma prática social de teor econômico, social, com resquícios ideológicos¹⁷. No entanto, são perceptíveis os contrastes presentes entre eles quando as práticas discursivas são observadas mais profundamente, porque elas demonstram que, apesar de a prática social ser a mesma entre página/seguidores, as práticas discursivas são contrárias.

A prática discursiva da página, por exemplo, se atrela aos pressupostos marxistas em seus discursos com o intuito de desvelar o temor do monopolista, do latifundiário e do colonialista pelo comunismo. Isso ocorre em razão da possibilidade

17 Ver o conceito de ideologia adotado neste trabalho em (Fairclough, 2018 [2001], p. 122).



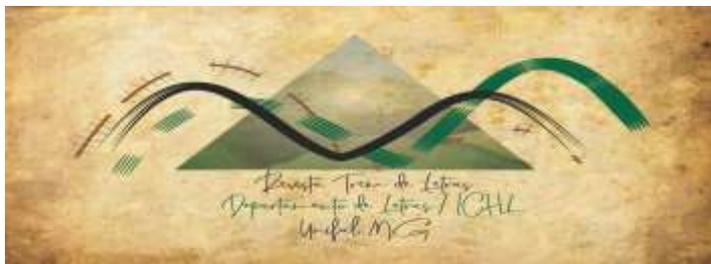
que os discursos da página podem ter no sentido de desestabilizar o poder econômico-social – dos sujeitos anteriormente citados e dos quais não abrem mão – de exploração das classes sociais menos abastadas dentro do regime capitalista no qual estão inseridos. Mas em oposição a esses discursos do Feminismo Marxista, a prática discursiva dos seguidores é distinta a da página em virtude do compartilhamento de discursos relacionados a um senso comum negativo¹⁸ direcionado ao comunismo.

Esse senso comum situado nos discursos da PESSOA 1, PESSOA 2, PESSOA 3 e PESSOA 4, mesmo de forma inconsciente, atua na reprodução, manutenção das estruturas de poder das classes sociais privilegiadas e de assimetrias sociais. Isso beneficia apenas as camadas elitizadas da sociedade, inclusive, pelo fato de elas serem propagadas apesar da naturalização do senso comum negativo empregado ao comunismo ser comumente partilhado por grupos sociais oprimidos.

Diante de tudo isso é possível considerar que há uma luta hegemônica travada entre a página Feminismo Marxismo e alguns de seus seguidores, como no recorte exposto no presente trabalho. Ainda que tal luta seja “invisível” a todos eles, ela se configura de forma hegemônica e faz parte de ideologias presentes em práticas sociais e nas práticas discursivas muito mais amplas do que a apresentada na análise feita. Por isso, há a necessidade de destacar que enxergamos apenas alguns resquícios ideológicos nas práticas desses sujeitos dentro da página.

Conforme os recortes analisados mostraram, os discursos da página recorrem a uma tentativa de transformação social, em contraponto aos discursos dos seguidores que promovem a conservação da sociedade em moldes atuais. Fato é que os discursos

18 “No senso comum, as ideologias se tornam naturalizadas ou automatizadas” (Fairclough, 2018 [2001], p. 128).



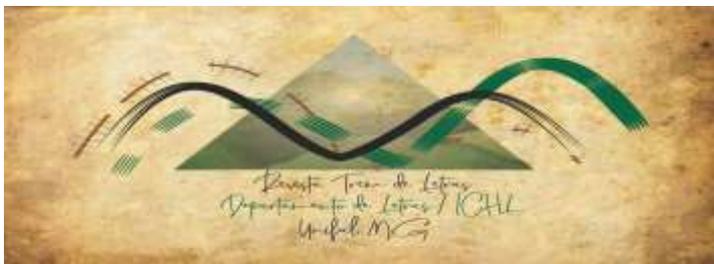
compartilhados no processo de interação entre a página Feminismo Marxista e os seus seguidores demonstram o modo como os sujeitos podem recorrer a diferentes discursos para conceber e moldar mundo a sua volta, para construir as suas relações sociais, para transformar, reestruturar ou promover a manutenção de estruturas sociais dominantes.

Considerações finais

Neste artigo, traçamos um panorama teórico, epistêmico e metodológico das pesquisas desenvolvidas pelo grupo NEPLA. Além disso, apresentamos algumas análises e resultados a partir de dados gerados sobre práticas discursivas na rede social facebook, as quais trazem à cena discursos que evidenciam relações assimétricas de poder, marcadas por ideologia e que tratam sobre problemas sociais particulares (Resende, 2017).

Tendo por base essa configuração de investigação, julgamos importante destacar que nossos estudos não visam apresentar generalizações sobre tais práticas discursivas, mas sim compreender, discutir e problematizar como elas, sustentadas em práticas sociais e articuladas com outros elementos sociais, como crenças, valores, desejos, atitudes, eventos etc. (Resende, 2017), favorecem a manutenção de visões essencialistas sobre corpos sociais, sobre atores sociais, sobre modos de ser, estar, viver o mundo, de se relacionar com a pessoas.

Assim, certas práticas discursivas – e insistimos que não sozinhas – sustentam, portanto, visões e atitudes sexistas, homofóbicas, machistas, discursos de ódio que se propagam e ganham espaço na arena discursiva da rede social facebook. Contudo, conforme defendem Ramalho e Resende (2011), Fairclough (2018[2001]) e Chouliaraki e

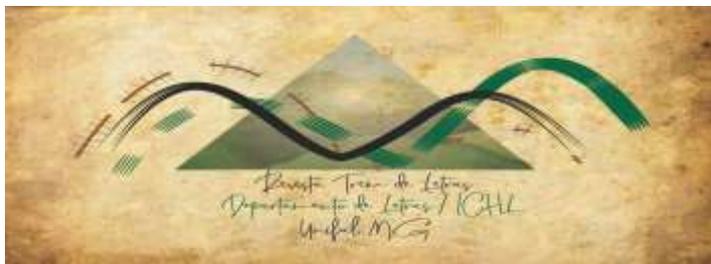


Fairclough (1999) é possível também, por meio de práticas discursivas outras, pensarmos em maneiras de superar relações assimétricas de poder parcialmente sustentadas por sentidos de textos. Nesse sentido, há práticas discursivas que podem favorecer, a partir de uma tentativa de transformação social, a contraposição de discursos e de visões hegemônicas que marcam certas práticas sociais (Fairclough (2018[2001])).

Assim, esperamos, com este texto e com as reflexões apresentadas a partir de nosso grupo de pesquisa, contribuir com os estudos realizados no contexto brasileiro sobre práticas discursivas em redes sociais e mostrar como a ADC configura-se como um dispositivo teórico-metodológico-analítico que pode auxiliar em estudos que visam analisar e discutir práticas discursivas em redes sociais.

Referências

- ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de análise. In: BATISTA JUNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 124-157.
- BHASKAR, R. *Scientific realism and human emancipation*. London: Verso, 1986.
- CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L.P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 233-252.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity. Rethinking critical* Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.



COSTA DE PAULA, R. *"Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!"*: performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento. Campinas, SP: [s.n.], 2010, 313p. (Doutorado em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos de Linguagem) Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

CRUZ, J. V. *Vozes que ecoam nas redes sociais: o ciberfeminismo, o ativismo digital e discurso de divulgação do feminismo*. 2018. Relatório de Iniciação Científica – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

CRUZ, J. V. *O ciberfeminismo e ativismo feminista na página do Facebook Feminismo Marxista*. 2020. Relatório de Iniciação Científica – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.

FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 77-103.

FAIRCLOUGH, N. L. Language, ideology and power. In: FAIRCLOUGH, N. L. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Edinburg: Pearson, 1995. pp. 21-84.

FAIRCLOUGH, N. Teoria social do discurso. In: FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018 [2001]. p. 93-177.

FAIRCLOUGH, N. *Analyzing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power* New York: Longman, 1989.

FEMINISMO MARXISTA. Considere o comunismo. *Go communist*. Brasil, 2 abr. 2019.

Facebook: Feminismo Marxista. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/feminismomarxista/posts/2363691200542252>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FOWLER, R; HODGE, B; KRESS, G; TREW, T. *Language and Control*. Londres/ Nueva York: Routledge, 1979.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOMES, R.; SIQUEIRA, J.; E. *Práticas discursivas e performances de masculinidades hegemônicas em novos espaços de letramentos digitais*. 2017. Relatório de Iniciação Científica – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2017.



- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: the social interpretation of language and meaning*. Baltimore, MD: University Park Press, 1978.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.
- KOZINETTS, R. V. Planejamento e entrada. In: KOZINETTS, R. V. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 74-91.
- KRESS, G; HODGE, R. *Language as Ideology*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Panorama da coleta de dados na pesquisa qualitativa. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL (Orgs.) *Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.149-166.
- MAGALHÃES, I. *Introdução: a análise de discurso crítica*. D.E.L.T.A., v. 21, n. especial, p. 1-9, 2005.
- MARTA UGARTE: la profesora militante lanzada al mar por la Dictadura. *Mundo Obrero Chile*. Chile, 5 set. 2019. Laizquierda Diario. Disponível em: <<http://www.laizquierdadiario.cl/Marta-Ugarte-la-profesora-militante-lanzada-al-mar-por-la-Dictadura-137517>> Acesso em: 26 mar. 2021.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 7-46, jan, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9068>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- MOITA LOPES, L.P. Linguística aplicada e vida contemporânea – Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.
- MUÑOZ, G. Especial a 46 años del golpe: Marta Ugarte: la profesora militante lanzada al mar por la Dictadura. *Laizquierda Diario: Mundo Obrero Chile*, Chile, 2019. Disponível em: <<http://www.laizquierdadiario.cl/Marta-Ugarte-la-profesora-militante-lanzada-al-mar-por-la-Dictadura-137517>>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- ORMUNDO, J. S. *Reconfiguração da linguagem na globalização*. 2007. 127f. Tese (Doutorado em linguística) – Programa de Pós-graduação em linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.



PEREIRA, D.V.; COURA, F. N.; ARAÚJO, N. E. S. Feminismos: luta pela equidade de gênero, justiça social e direito pelos corpos. *VI Seminário Centros crise e mundo do trabalho no Brasil desafios para a classe trabalhadora*, Ceará, p. 4, ago. 2018.

Disponível em: <<http://redeminas.tv/wp-content/uploads/2019/05/feminismos.pdf>>.

Acesso em: 08 abr. 2021.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica*. Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil*. Covilhã: LabCom, 2010a. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ramalho-analise-2010.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, V. M; REGIS, S. J. (Org.) *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. 1ed.Campinas: Pontes, 2017, p. 11-52.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. *ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-50.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Análise crítica do discurso: modismo, teoria ou método? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 1, p. 99-132, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/tTPqp7LxkpxcF5tQDrXmyTb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2021.

ROJO, R. H. R. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.253-276.

SANTOS, G. P.; RESENDE, V. M. A Análise de Discurso Crítica e o social na Linguística: uma questão de identidade(s). In: Kleber Silva; Júlio Araújo. (Org.).



Letramentos, discursos midiáticos e identidades: novas perspectivas. Campinas: Pontes, 2015. p. 73-98.

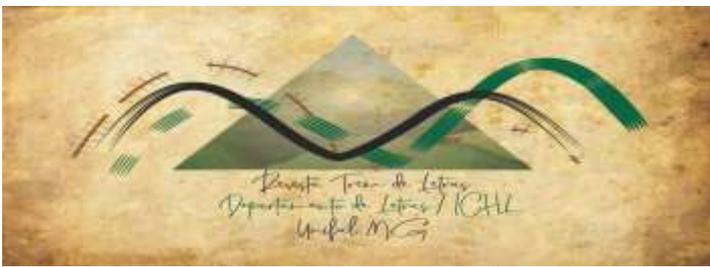
THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. 2004. v.4, n. Especial, p. 223-243.

PURESA, M. V. *Discursos sobre materiais didáticos digitais para o ensino de língua portuguesa: um estudo à luz da Análise Crítica do Discurso*. 2017. Relatório de Iniciação Científica – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2017.

PURESA, M. V. *Questões identitário-culturais e interculturalidade em livros didáticos de língua portuguesa: um estudo à luz da Análise Crítica do Discurso*. 2017. Relatório de Iniciação Científica – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2017.

PURESA, M. V. *Significados representacionais e identificacionais: discursos de professores sobre multiculturalidade nas aulas de Língua Portuguesa*. 2019. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019.



The NEPLA Group research: theoretical and methodological contributions of Critical Discourse Analysis to the study of discourse practices

Rosivaldo Gomes

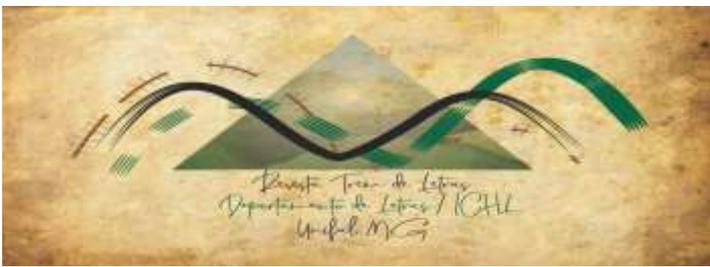
Joyce Vitória Martins Cruz

Universidade Federal do Amapá

Abstract

This article, of theoretical, descriptive and analytical nature, presents, at first, the theoretical and epistemological framework which is the basis for the studies developed by the research group Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada, located at the Universidade Federal do Amapá. Next, it describes and contextualizes the methodological option adopted by the group to carry out the studies on discursive practices in the field of linguistic studies. Finally, it presents and discusses a brief overview of the studies developed by the group members and brings an analysis of two research projects that dealt with discursive practices in the social network Facebook and shows the contributions of our studies that are aligned with the view of language/discourse as a social practice, as proposed by Critical Discourse Analysis.

Keywords: Discursive practices. Critical Discourse Analysis. Social networks.



La investigación del Grupo NEPLA: aportaciones teóricas y metodológicas del Análisis Crítico del Discurso al estudio de las prácticas discursivas

Rosivaldo Gomes

Joyce Vitória Martins Cruz

Universidade Federal do Amapá

Resumen

Este artículo, de carácter teórico, descriptivo y analítico, presenta, inicialmente, el marco teórico y epistemológico que fundamenta los estudios desarrollados en el grupo de investigación Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada, ubicado en la Universidade Federal do Amapá. A continuación, se describe y contextualiza la opción metodológica adoptada por el grupo para realizar los estudios sobre las prácticas discursivas en el ámbito de los estudios lingüísticos. Por último, se presenta y discute un breve resumen de los estudios desarrollados por los miembros del grupo y se aporta un análisis de dos proyectos de investigación que trataron sobre las prácticas discursivas en la red social Facebook y se muestran las aportaciones de nuestros estudios que se alinean con la visión del lenguaje/discurso como práctica social, tal y como propone el Análisis Crítico del Discurso.

Palavras clave: Prácticas discursivas. Análisis crítico del discurso. Las redes sociales.